

Evento: XXVII Jornada de Pesquisa

A HISTORIOGRAFIA E OS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO: ENTRE APROXIMAÇÕES E CONFLUÊNCIAS¹

HISTORIOGRAPHY AND THE KNOWLEDGE PARADIGMS: BETWEEN APPROACHES AND CONFLUENCES

Alexandre dos Santos²

¹ Pesquisa desenvolvida na disciplina de Paradigmas do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

² Doutorando em Educação nas Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade do Noroeste do Estado do Rio grande do Sul (UNIJUÍ), graduado em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Santo Ângelo RS), especialista em Game Design pela Universidade Positivo, Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professor, músico e pesquisador, com atuação nas áreas da Gamificação, Cinema, Música e Metodologia do Ensino. E-mail: alexandre.santos@sou.unijui.edu.br

RESUMO

O Objetivo deste texto é reconhecer os paradigmas do conhecimento científico como modeladores, transformadores e moderadores das etapas do pensamento humano; perceber como, em cada paradigma, a História e a Historiografia se modificam a partir das influências de cada etapa das compreensões de racionalidade e; comparar a construção feita pela Historiografia acerca dos diferentes contextos. A metodologia que norteou este texto foi uma análise teórica acerca da evolução do conceito de História, Historiografia e as suas possíveis aproximações com os paradigmas que modelaram as concepções de conhecimento partilhado entre a humanidade.

Palavras-chave: Paradigmas. Historiografia. Racionalidade.

ABSTRACT

The text has the objective to recognize the knowledge paradigms of scientific, as modelers, transformers and moderators of the of thought human stages; perceive how, in each paradigm, History and Historiography change themselves from the influences of each stage of rationality and; to compare the construction made by Historiography about this different contexts. The methodology that guided this text was a theoretical analysis about the evolution of the concept of History, Historiography and its possible approximations with the paradigms that shaped the conceptions of knowledge shared among humanity.

Keywords: Paradigms. Historiography. Rationality.



INTRODUÇÃO

O diálogo entre os diferentes sujeitos, interdisciplinares e detentores de diferentes faculdades humanas, permeados pelo agradável estudo sobre Filosofia, Paradigmas e as “idades” (que ousamos no fluxo de nossas aulas entender a divisão) propiciaram a elaboração desta escrita. Este artigo foi produzido nas reflexões da disciplina de “Paradigmas do Conhecimento” do Programa de Pós-Graduação “Mestrado e Doutorado em Educação Nas Ciências” da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande Do Sul (UNIJUÍ). A metodologia que norteou este texto foi uma análise teórica acerca da evolução do conceito de História, Historiografia e as suas possíveis aproximações com os paradigmas que modelaram as concepções de conhecimento partilhado entre a humanidade.

Neste sentido, traçam-se os objetivos de reconhecer os paradigmas como modeladores, transformadores e moderadores das etapas do pensamento humano; perceber como em cada paradigma a História e a Historiografia se modificam a partir das influências da nova etapa de conhecimento; e, comparar a construção feita pela Historiografia acerca dos diferentes contextos.

Para Marques (1992), a definição de paradigma consiste num modelo exemplar abstrato, normativa que rompe com o conceito de linearidade cumulativa na evolução da ciência, mostrando-a em desenvolvimentos cíclicos, instáveis, exigentes de mudanças bruscas em suas regras, sujeitos aos sistemas de valores e crenças básicas de uma época e de uma específica comunidade científica. Para Tomas Kuhn, "um paradigma é aquilo que membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma" (KUHN, 1998, p.219).

Silva Neto (2011) compara e estabelece que um paradigma proporciona aos cientistas problemas solucionáveis e, ao mesmo tempo, as regras, o passo a passo, das soluções, exigindo deles previamente um conjunto de adesões conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais: eles devem se comprometer sempre, necessariamente e sem maiores questionamentos com determinados tipos de instrumentos científicos e com certos modos de utilizá-los, com determinadas concepções metafísicas acerca da constituição do Universo e dos modos de abordá-lo.



A RACIONALIDADE GRECO-ROMANA: O RELATO DE HERÓDOTO E O “DESCOBRIMENTO” DA HISTÓRIA

A filia pelo saber e a busca pelo conhecimento surgiu na Grécia antiga, em um momento de questionamento dos saberes mitológicos e da incessante tentativa de elucidar as concepções de razão e racionalidade como faculdades humanas. No paradigma ontológico (assim chamado o oriundo da cultura greco-romana) a experiência filosófica e a máxima de Sócrates, “só sei que nada sei”, levaram os filósofos à reflexão de todos os setores e aspectos da indagação humana.

Na antiguidade clássica, as questões da natureza (*physis*), eram descobertas e interpretadas pela racionalidade, que emergia contrapondo e desprendendo a busca da verdade e do conhecimento das assertivas oriundas da mitologia.

Dá-se, assim, a passagem das grandes obras do herói à busca da imortalidade, mas condenado à inelutabilidade do destino, para a atitude do filósofo de frente a experiência do eterno e afastado dos negócios humanos. A contemplação do ser para sempre, para além das aparências físicas (tom meta ta physica) é o princípio da Filosofia. A virtude está na contemplação do eterno em sua intrínseca qualidade de totalidade escondida por trás das aparências, sendo critério para a visão e imutabilidade do objeto visto. (ARENDRT apud MARQUES, 1993, p. 22)

A Filosofia, comprometida com a busca das verdades, cria termos e conceitos (*logos*) para a compreensão do mundo que nos cerca. A tradição grega, que já em obras como Homero, *Íliada* e *Odisseia* contava os acontecimentos do passado através da narração poética e da epopeia, se acresce da contribuição de Heródoto.

Heródoto, um grego que desenvolveu seus estudos no século V a. C, é reconhecido como o primeiro historiador, através do relato da invasão persa na Grécia. Para Condiolo (2018), a relação entre mito e história, nas *Histórias* é entendido como sinônimo de mito e razão, isso porque, no contexto da obra de Heródoto, os indícios da racionalidade estão intrinsecamente relacionados ao processo de sua *historie*.

Heródoto define *historie* como uma atividade intelectual cuja finalidade é avaliar criticamente as informações de suas fontes obtidas através de observação, relatos orais, reflexão/julgamento pessoal e investigação. Por contiguidade, *historie* também é o resultado dessa atividade de investigação intelectual. Portanto, os vários *logoi* que constituem o *logos* de Heródoto são, ao mesmo tempo, ação e resultado da sua atividade de análise crítica, em outras palavras, de seu racionalismo. (CONDILO, 2018, p. 20)



Segundo Marques (1992) o paradigma ontológico do ser para sempre posto, valoriza a formação teórica do homem superior, em detrimento da aprendizagem técnica dos ofícios. A educação é para o dizer e fazer a coisa pública (reservada aos cidadãos na polis), antagonicamente, o ensino é para as artes mecânicas (própria dos trabalhadores livres). Em ambos os casos, educação e instrução funcionam como exercício de conscientizar os costumes existentes.

Heródoto foi o primeiro a agregar nessas narrativas locais uma elaboração mais ampla sobre os fatos do passado e a demonstrar como sua pesquisa poderia ser importante para a compreensão do presente. A invenção da história se dá a partir da necessidade do registro dos fatos acontecidos, somado à interpretação das consequências destes fatos acontecidos nos então eventos da vida cotidiana.

A MODERNIDADE: RENASCIMENTO, HUMANISMO, IMPRENSA E A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

O paradigma da modernidade surge através do desprendimento do mundo medieval cristão. A revolução cultural, que atinge todos os aspectos da Europa do século XV, fomenta os valores que contemplam desde o Renascimento do século XV até a Ilustração do século XVIII. Marques (1992) afirma que esta soberania dos artefatos da razão institui a própria razão como princípio da produção do saber e em obediência às próprias leis. A razão ignora seus limites e sua necessária ancoragem em critérios ético-políticos de validação, e se enclausura na racionalidade estritamente instrumental ou estratégica, do emprego de meios e artimanhas para fins de que não toma conhecimento. Influenciadas pelo positivismo, as ciências exatas e naturais reafirmam a crença em si mesmas e se fecham em suas exclusivas competências, segundo uma lógica desvinculada dos fins humanos.

O Racionalismo exalta os valores da antiguidade clássica e retoma a Razão como norteadora do processo de produção do conhecimento.

A nova cultura denomina-se humanismo, para significar o pensamento profano, de caráter laico, uma sabedoria humana entendida em sua realidade histórica efetiva, por isso um renascimento fundado nas figuras e doutrinas da antiguidade original com sua fisionomia definida, histórica de uma autêntica individualidade localizada no seu tempo. O Renascimento, um regresso às origens para novos avanços, deixa agora de basear-se nos mitos das origens cosmogônicas para fundamentar-se na reconstituição histórica das origens da vida plenamente humana “porque baseado naquilo que o homem tem mais de seu: as artes, a instrução e a investigação que



fazem dele um ser diferente de todos os outros e o tornaram na verdade semelhante a Deus (ABBAGNANO apud MARQUES, 1993, p. 38).

O Empirismo é concebido para comprovar as verdades através da experimentação. O método surge com os objetivos de evidenciar, analisar, ordenar, enumerar e organizar a “dúvida metódica”. Neste contexto, busca-se duvidar para alcançar alguma verdade. Galileu Galilei, através das suas descobertas, promove o nascimento das ciências experimentais – Ciências da Natureza - no século XVII.

Marques (1992) disserta que, ao longo de quatro séculos, a partir do colapso do feudalismo no século XIV e das profundas transformações econômicas, sociais e políticas do final da Idade Média, afirma-se o ideal iluminista de, pela razão, o homem construir seu próprio destino, livre da tirania e da superstição. Com a experiência profana pluralista do possível e com o humanismo renascentista surge a consciência da razão humana fundamentada em si mesma e confiante em seu próprio poder.

No passo que acontece o reconhecimento das diferentes ciências,

a ideia de modernidade extrapolava o campo historiográfico; nem sequer era oriunda dele. Para os autores que não usam o conceito como um simples marco cronológico, a modernidade é um projeto, divergindo quanto ao período de sua vigência. Pensá-lo como um projeto eurocentrado (ou “ocidental-centrado”) é a base de um “eurocentrismo”, ora muito e justificadamente criticado, que afunda suas raízes bem mais longe do que na conquista/colonização do mundo pelas potências europeias, habitualmente considerada como marco inicial da Era Moderna, pois remonta à diferenciação e subordinação do “Oriente” pelo “Ocidente” em eras pretéritas. (COGGIOLA, 2021, p. 5)

A História, aqui, acompanha a revolução cultural que atinge todas as esferas da vida social, política e econômica. A invenção da imprensa, que permite o acesso aos fatos e aos conhecimentos, é acompanhada pela teoria heliocêntrica, pela revolução dos saberes náuticos e da instrumentalização, abarcados pela revolução tecnológica das Grandes Navegações do século XV, descobrem novas rotas e habitam um novo continente, gerando (ideologicamente) a colonização de novos fatos.

PÓS-MODERNIDADE, LINGUAGEM E AS NOVAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS

Os paradigmas pós-moderno e neomoderno surgem para dar respostas à crise da razão e submetem a aproximação das diferentes compreensões da linguagem – relação entre signos,



sentidos e significação. A linguagem, que expressa o pensamento, reconhece a sua função cultural. Acontece então, a criação e aperfeiçoamento das Ciências Humanas: Psicologia, Sociologia, Economia.

Marques (1992), ao descrever a crise da modernidade em nosso século, alerta que essa é não uma crise radical do pensamento, dos valores, das orientações ético-políticas, da economia, da cultura, não uma crise em vários setores ou instâncias, mas a crise da própria modernidade em seu âmago, não em suas formas externas. Aceita-se a modernização e todos a buscam, isto é, aos efeitos externos da modernidade, mas a modernidade, ela mesma em seu cerne, como forma da razão humana, como o próprio exercício da razão, isto está em crise radical, estão em crise os fundamentos da razão e a própria noção de fundamentos, as condições mesmas da possibilidade do conhecimento.

Neste momento, o olhar do historiador inspira-se na visão interdisciplinar da Escola dos Annales, que foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX e composto por três principais gerações. Para os *Annales*, os métodos de se escrever e pensar os fatos históricos deveriam passar por grande evolução. A Historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Questionando a historiografia tradicional, baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar grandes análises de estrutura e conjuntura.

Desde os campos da literatura e da arte, a pós-modernidade perpassa todos os âmbitos da pluriforme experiência humana posta em processo de descontinuidade radical, pelo qual se exaurem as possibilidades e se evanescem todas as formas de vida. Ao tempo otimista da utopia, tempo governado pelo futuro, substitui-se o tempo da presentidade, da agoridade, em que se suprimem toda a dinâmica da temporalidade histórica e as possibilidades de qualquer leitura das tradições. A sociedade e a cultura sujeitam-se a jogos de forças em perpétua mutação. (MARQUES, 1992, p. 556)

Aqui a ciência histórica deve ser feita a partir da consideração, investigação e reconhecimento de novas fontes. Na História e na Historiografia, surge uma “nova escrita da história”, assim chamada por Peter Burke, com o intuito de exercer uma nova visão de investigação histórica.



A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional, aquele termo útil, embora impreciso. (...) Poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, não para enaltece-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência - com muita frequência - considerado a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido com o uma dentre várias abordagens possíveis do passado (BURKE, 1991, p.10)

Ao referir-se Escola de Annales, Barros (2010) questiona se o há um paradigma deste movimento ou este abarca e participa de diversos paradigmas? Ainda pergunta se é possível falarmos em apenas uma Escola dos Annales? Se possível, existiria uma unidade que habilitaria o uso desta expressão para as diferentes gerações de historiadores franceses, no que se refere àqueles que continuam a vincular a sua identidade aos antigos órgãos institucionais controlados pelos Annales e a célebre revista que leva ainda hoje o seu nome? Criticizar com os métodos de um movimento com “que deixou tão profundas influências na historiografia ocidental e, inclusive, na historiografia brasileira.”. A Historiografia se reconhece enquanto “desconstrução” dos fatos, interpondo-se a “reconstrução” dos fatos - criticidade x heroicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto se propôs a refletir sobre a evolução do conceito de Historiografia e como este esteve relacionado aos paradigmas do conhecimento. Na medida em que estes sempre estiveram ligados aos processos norteadores do pensamento humano, percebe-se que a ciência História, e sua ramificação denominada Historiografia, modificaram os seus métodos, as suas análises e suas formas de abordagem, a partir das influências de cada etapa (ou periodização) do conhecimento.

Nessa análise importa a relação entre a ciência histórica e as próprias compreensões de ciência concebidas pela humanidade e, que se tornaram reguladoras do pensamento científico. A quebra de um paradigma e a absorção de outro significa uma ruptura (ou pelo menos a releitura) hermenêutica da ação comunicativa entre os homens. A construção da obra feita pela Historiografia nos diferentes contextos acompanham a evolução e a modificação impostas pelos modelos dos paradigmas do saber.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José Costa D' Assunção. **A escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento**. In: História e Reflexão: Revista Eletrônica de História, vol. 4, p. 2010, Disponível em: [file:///C:/Users/Alexandre/Downloads/rafadeabreu,+A-Escola dos Annales.pdf](file:///C:/Users/Alexandre/Downloads/rafadeabreu,+A-Escola+dos+Annales.pdf). Acesso em 28 de março de 2022.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: Editora Unesp. 1992.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade**. In: Intelligere: Revista de História Intelectual, nº 12, p. 1-15. 2021. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em 13 de março de 2022.

CONDILO, Camila. **Mito e história nas Histórias de Heródoto**. In: História da Historiografia, v. 11, n. 26, p. 13-39, 2018. Disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/issue/view/29/6>. Acesso em 12 abril de 2022.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MARQUES, Mario Osório. **Os paradigmas da Educação**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v. 73, n. 175, p. 547-565. 1992. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1107/846>. Acesso em 11 de maio de 2022.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e modernidade em construção**. Ijuí: Ed UNIJUÍ, 1993.



NETO, Sertório de Amorim e Silva. **O que é um paradigma?**. In: Revista de Ciências Humanas da UFSC. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2011v45n2p345>.

Acesso em 23 de maio de 2022.